

## CURSO DE VERÃO: UM PROJETO DE EDUCAÇÃO POPULAR FEITO EM MUTIRÃO<sup>1</sup>

Wagner Lopes Sanchez<sup>2</sup>  
Lourdes de Fátima P. Possani<sup>3</sup>

**RESUMO:** O Curso de Verão é um projeto de educação popular, destinado a lideranças de comunidades eclesiais e movimentos populares e que completou 25 anos de existência em janeiro de 2012. Voltado para a formação no âmbito das ciências sociais, da teologia, da bíblia e da pastoral, tem as seguintes características: é popular, ecumênico, massivo e realizado em mutirão. Este texto apresenta as dimensões do mutirão e a metodologia de educação popular presentes no curso e procura demonstrar que a construção coletiva de saberes pautada na metodologia da educação popular, com inspiração na pedagogia freireana, possibilita enfrentar desafios tais como a incorporação da arte, a formação de voluntárias/os sobretudo dos monitores, o público jovem, as novas tecnologias e a mística do Curso de Verão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Curso de Verão; mutirão; metodologia; educação popular.

**ABSTRACT:** Curso de Verão (Summer Course) is a popular education program, directed to church communities' lead and popular motions, which completed 25 years of existence on January, 2012. Directed to social science, theological, biblical and pastoral formation, it has the following traits: it's popular, ecumenical, massive, and task force made. This text presents the dimension of this task force and the popular education methodology that permeates the course, and aim at demonstrating that the collective creation of knowledge, based on the popular education methodology, make it possible to face challenges as the art incorporation, volunteers' and, above all else, monitors' formation, the young public, new technologies and the mystique of Curso de Verão.

**KEYWORDS:** Curso de Verão; task force; methodology; popular education.

O Curso de Verão é um projeto de Educação Popular promovido pelo Centro Ecumênico de Evangelização e Educação Popular (CESEEP) e que completou vinte e cinco anos em janeiro de 2012. Com sede na cidade de São Paulo, o CESEEP é um centro latino-americano e ecumênico de formação popular, fundado em 1982, presta serviços de formação às lideranças de movimentos sociais e comunidades de diferentes igrejas cristãs.<sup>4</sup>

No final da década de 1980, lideranças de diversas igrejas cristãs, que estiveram envolvidas na constituição do CESEEP, sentiram a necessidade de criar um espaço que possibilitasse, de forma massiva, uma formação de qualidade para pessoas oriundas de diversas regiões do Brasil que

---

<sup>1</sup> O texto ora apresentado contém algumas das ideias presentes nos textos dos autores publicados no livro: Lourdes de Fátima P. Possani e Wagner Lopes Sanchez (orgs.), *Formação Ecumênica e Popular feita em mutirão*. Curso de Verão 25 anos.

<sup>2</sup> professor assistente-doutor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É membro da diretoria do CESEEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular). [wagnersanchez@uol.com.br](mailto:wagnersanchez@uol.com.br)

<sup>3</sup> doutora em Educação: Currículo, Supervisora Escolar na Rede Municipal de Ensino de São Paulo e professora no Centro Universitário São Camilo. É membro do Conselho Superior do CESEEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular). [lurdinhapp@gmail.com](mailto:lurdinhapp@gmail.com)

<sup>4</sup> Atualmente o CESEEP mantém cinco cursos além do Curso de Verão: Curso de Pastoral e Relações de Gênero, Curso Latino-Americano para Militantes Cristãos, Curso de Ecumenismo, Curso Latino-Americano de Formação Pastoral e Curso de Verão On-Line.

pudessem multiplicar em seus lugares de atuação saberes importantes para o seu trabalho nas pastorais e no movimentos populares. Assim, o Curso de Verão foi criado com a finalidade de oferecer às lideranças de comunidades das igrejas cristãs e dos movimentos populares um espaço de formação no âmbito das ciências sociais, da teologia, da Bíblia e da pastoral, dentro de uma perspectiva ecumênica, com abertura às demais religiões.

As principais características do Curso de Verão são:

- Nacional: embora tenha a presença de pessoas de outros países, o curso é o único do CESEEP que tem caráter nacional;
- popular: sua proposta metodológica é fundamentada na metodologia da educação popular, Paulo Freire;
- ecumênico: seus conteúdos e sua dinâmica de convivência se dão numa perspectiva ecumênica e aberta ao diálogo inter-religioso;
- mutirão: o curso conta com a participação de aproximadamente 120 voluntários, da cidade de São Paulo e de diferentes lugares do Brasil, além de instituições parceiras na organização e infraestrutura; e
- massivo: é um curso que visa atingir um grande público: nos últimos anos tem tido uma média de 495 cursistas.

Neste texto, queremos destacar duas características principais do curso: o mutirão e a educação popular.

## 1. O mutirão

O mutirão é o diferencial que distingue o Curso de Verão de outros projetos de educação popular existentes no Brasil. É um projeto que construiu, nestes vinte e cinco anos, um jeito próprio de ser, reunindo as pessoas num grande momento de formação que propicia modificar o pensar, o jeito de ver a realidade e a forma de agir sobre ela.

Os frutos do Curso de Verão podem ser identificados tanto na vida das pessoas que, ao longo de vinte e cinco anos, participaram como cursistas pelo menos uma vez, como na vida das pessoas que trabalharam como voluntárias/os e também na vida das comunidades e movimentos que se multiplicaram pelo Brasil afora fazendo nascer, inclusive, outras experiências de formação popular inspiradas no seu projeto.<sup>5</sup>

### *As dimensões do mutirão presentes no Curso de Verão*

Na mística do mutirão presente no Curso, podemos identificar algumas dimensões: a estratégica, a pedagógica; a política e a utópica.

A *dimensão estratégica* revela às pessoas envolvidas que é possível realizar um projeto de educação de grande envergadura com poucos recursos financeiros e em mutirão. Essa dimensão mostra tanto às/aos cursistas como às/aos voluntárias/os que projetos de formação popular são

---

<sup>5</sup> Ao longo dos vinte e cinco anos, surgiram em diferentes lugares do Brasil experiências inspiradas no Curso de Verão: Curso de Verão de Goiânia-GO; o Curso de Inverno de João Pessoa-PB (que teve apenas quatro edições); Curso Ecumênico de Pastoral Popular do Rio Grande do Sul; o Curso Bíblico Flor e Canto, em Petrópolis-RJ; Curso do Rio, na cidade do Rio de Janeiro-RJ; o Curso de Inverno da Diocese de Itabira-Cel. Fabriciano-MG, conhecido como Curso de Inverno; Curso de Verão da Terra do Sol, em Fortaleza-CE e o Curso de Férias de Muriaé, MG.

possíveis quando realizados em mutirão e, de outro lado, que estes projetos podem contribuir com o desenvolvimento da consciência crítica e com a construção de saberes a partir da realidade dos excluídos.

A *dimensão pedagógica* está tanto no processo de construção coletiva de saberes, baseado na metodologia de educação popular, como também na sua potencialidade simbólica de despertar nas pessoas a consciência de que podem ser sujeitos da história e contribuir para realizar seus sonhos de construção de um mundo de justiça e de igualdade entre as pessoas.

A *dimensão política* está vinculada aos saberes que são socializados e que tem por objetivo oferecer aos participantes instrumentos para a compreensão crítica da realidade e para repensarem a sua atuação onde estão inseridos com vistas à transformação social. Desta forma, a dimensão política contribui para que as/os cursistas percebam que toda ação realizada tem uma implicação política, seja para manter ou para modificar as condições concretas de vida.

A *dimensão utópica*, subjacente a todo projeto de educação popular, tem a ver com a sua capacidade de estimular as pessoas a acreditarem que a realidade social pode ser transformada para se aproximar dos sonhos de uma sociedade mais justa. O Curso é uma oportunidade para que as pessoas entrem em sintonia tanto com as contribuições teóricas sobre os temas/conteúdos trabalhados, como também com as iniciativas presentes nos movimentos sociais que buscam transformar a sociedade.

#### *Um mutirão chamado Curso de Verão*

O Curso de Verão foi construído e continua sendo repensado na dinâmica do mutirão. Embora este tenha sido uma iniciativa do CESEEP, tem sido reelaborado e aprimorado nos vinte e cinco anos de caminhada com a participação das/os voluntárias/os.

Sem o trabalho voluntário não seria possível realizar um projeto deste porte. Cada voluntária/o coloca a serviço do mutirão o seu tempo, a sua experiência de inserção no meio popular e nas comunidades vinculadas às igrejas cristãs, o seu saber e o seu jeito próprio de ver o mundo.

As/os voluntários dividem-se em equipes, executando diferentes tarefas porém cada uma com sua especificidade. São responsáveis por fazer com que os cursistas participem integralmente do processo formativo, num espírito fraterno e festivo.

Há um aspecto que está diretamente vinculado à característica do mutirão e que diz respeito à manutenção do Curso. Diferentemente dos demais cursos do CESEEP, que contam com subsídios de agências de apoio internacional, o Curso de Verão é auto-sustentável: ele é realizado quase que totalmente com o pagamento das inscrições dos cursistas e com o trabalho voluntário.

#### *O processo de decisão*

O processo de decisão, portanto, leva em conta esse caráter do mutirão – e da própria metodologia da educação popular. Desta forma, as decisões, respeitadas as características do Projeto do Curso de Verão, são compartilhadas entre a Equipe de Coordenação e as/os demais voluntárias/os num processo dialógico.

Algumas decisões são tomadas de forma imediata e outras levam um

tempo para serem maturadas. É o tempo do mutirão, onde se procura estabelecer o consenso naquilo que é fundamental, mas garantindo a possibilidade de que as diferenças também se expressem, seja nas coordenações das tendas<sup>6</sup>, seja nas próprias equipes de serviços. Construir a unidade a partir das diferenças num processo constante de diálogo é, talvez, o maior desafio de um mutirão.

### *O acontecer do Curso de Verão*

O momento mais importante do mutirão é a própria realização do Curso. Nele culmina todo o esforço de planejamento e de organização.

É no seu acontecer, dentro de um clima de celebração e de festa, que o dinamismo do Projeto se manifesta e acontece. Nos oito dias<sup>7</sup> do Curso mais de uma centena de voluntárias/os possibilitam que, em forma de mutirão, aconteça uma experiência de educação popular que tem atingido centenas de pessoas nos últimos anos.

O Curso é organizado de tal forma que as pessoas possam: trazer a sua experiência de vida e de inserção no movimento popular ou nas igrejas; iluminar essa experiência com o referencial teórico fornecido pelas/os assessoras/es; apropriar-se desses conteúdos e das diversas linguagens oferecidas nas tendas e retomar a sua experiência com um novo olhar na volta às suas comunidades e movimentos sociais. Esses quatro momentos constituem a construção do saber no mutirão onde cada uma/um aprende e ensina, recebe e partilha.

## **2. A metodologia da educação popular**

A metodologia a ser adotada por um curso com as características e com os objetivos do Curso de Verão precisa atender a um grande número de pessoas sem deixar de lado a necessidade de criar momentos em grupos menores para a partilha e a reflexão. A escolha da educação popular como base teórica procura atender a essas exigências.

A proposta metodológica de educação popular escolhida desde o início esteve fundamentada nos princípios filosóficos e sociológicos da pedagogia freireana: a) homens e mulheres são seres de saberes - frente ao conhecimento somos todas/os iguais; b) homens e mulheres são seres de relação - nascemos incompletas/os, completamo-nos na relação com a/o outra/o; c) mudamos o mundo e somos mudados por ele - como sujeitos, mudamos o mundo e, ao intervir nele, mudamos também; d) mudar é difícil, mas é possível.

Em coerência com esses princípios, algumas categorias teóricas presentes na obra de Paulo Freire orientam a escolha da metodologia: o diálogo, a politicidade, a utopia e o inacabamento.

O diálogo, em Freire, é visto como um fenômeno humano;<sup>8</sup> um encontro de mulheres e homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo; encontro como ato de criação, algo que faz parte da própria natureza

---

<sup>6</sup> Tendões são grupos de 20 a 30 pessoas que permanecem juntos durante todo o curso e onde é feito o trabalho de aprofundamento dos conteúdos, espaço de criação e vivência da mística ecumênica do curso.

<sup>7</sup> Até 2008 o Curso de Verão tinha a duração de doze dias.

<sup>8</sup> Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 77.

histórica dos seres humanos. O diálogo é tido como condição para a construção do conhecimento; comunicação para a verdadeira educação.<sup>9</sup> Num processo de formação, a escolha pelo caminho do diálogo tem implicações em relação ao tempo e à forma de se enfrentar os conflitos.

Para Freire<sup>10</sup>, o diálogo não se dá sem conflito. Em processos de formação os momentos de conflitos são ricos no sentido de crescimento e de amadurecimento teórico e de posicionamento das pessoas envolvidas frente às decisões a serem tomadas. Neste sentido, o diálogo sempre se fez presente, tanto na formulação, quanto na execução das ações e também na avaliação.

A politicidade tem a ver com a não neutralidade da educação. Não há como negar a intencionalidade da ação humana nas mais diversas situações em que seja necessário fazer escolhas e, na educação popular, estas escolhas são marcadamente intencionais em todos os seus aspectos e dimensões. Nos processos formativos é necessário que se tenha clareza dessa não neutralidade; da intencionalidade da ação que se propõe, das possibilidades e dos limites que se colocam à frente.

A questão da utopia também está relacionada com o processo de formação política do sujeito. O que Paulo Freire chamou de conscientização, como método pedagógico de libertação dos oprimidos, ganha uma dimensão nova na atualidade enquanto processos de formação política. Desta forma, para Paulo Freire “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual o homem assume uma posição epistemológica.”<sup>11</sup>

Isto não é possível sem utopia, sem olhar para o futuro e vislumbrar as possibilidades de liberdade, de emancipação, sem se reconhecer como sujeito de direitos e capaz de transformar-se a si mesmo e aos outros. Neste sentido, a utopia sempre esteve presente no Curso de Verão: nas pessoas e nos grupos que sonham junto com este novo mundo possível, seja do ponto de vista bíblico ou social.

A base para a formação de educadores está no princípio do inacabamento, ou seja, as pessoas se formam em processo. Segundo Freire, “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital”. Para ele “onde há vida, há inacabamento”<sup>12</sup> e não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a “consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade”.<sup>13</sup> Esta é uma premissa freireana da formação de pessoas, de educadores: homens e mulheres são seres inacabados que buscam continuamente a sua humanização, para dar visibilidade à função social que a educação assume na formação das pessoas ao torná-las cada vez mais humanizadas.

Além dos princípios acima citados, alguns pressupostos foram tomados

---

<sup>9</sup> *Ibid*, p. 20.

<sup>10</sup> Paulo FREIRE, *Educação e mudança*, p. 13.

<sup>11</sup> Paulo FREIRE, *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, p. 30.

<sup>12</sup> Paulo FREIRE, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, p. 50.

<sup>13</sup> *Ibid*, p. 58.

em conta na escolha da metodologia. Para que ela fosse coerente com a sua identidade e com os objetivos que se pretendia alcançar, deveria ser uma metodologia que tomasse em conta o seu caráter ecumênico, tivesse a perspectiva da educação popular, tomasse a experiência dos participantes como ponto de partida para a reflexão de qualquer conteúdo a ser trabalhado, somando-se a ele e criando novos significados. Deveria também tomar em conta a visão global dos sujeitos envolvidos, integrando também *corpo x razão*, com o propósito de construir conhecimentos significativos e, ao mesmo tempo, de forma prazerosa, além de ter uma linguagem acessível ao nível cultural de seus/suas participantes.

O caráter participativo da educação popular não se limita ao modo como o mesmo é realizado com os cursistas, mas envolve especialmente a sua preparação e a tomada de decisões, que é feita em conjunto com todos/as voluntárias/os. Isto coloca um grande desafio para a coordenação, que tem o papel de preparar o Curso e as equipes que nele trabalham, num processo dialógico permanente. Este processo dialógico vivido pelas equipes de coordenação e de metodologia com todo o grupo de voluntárias/os, aprofunda o caráter participativo.

#### *Os percursos metodológicos*

Garantindo a metodologia e as características originais, nos vinte e cinco anos de caminhada, foram feitas diversas mudanças na forma de organizar o curso e que envolveram tanto a distribuição dos tempos e espaços como também as estratégias utilizadas. Nesse sentido, podemos destacar quatro períodos diferentes na evolução do Curso: a) de 1988 a 1991; b) de 1992 a 1993; c) de 1994 a 2007 e d) de 2008 a 2011.

No primeiro período (1988 a 1991) os *conteúdos* foram o ponto de partida do Curso. Estes conteúdos eram apresentados a todas/os as/os participantes, num grande plenário, todas as manhãs e, em seguida, estes eram organizados em grupos de dez pessoas para estudo e aprofundamento. Cada um destes grupos era acompanhado por uma monitora ou monitor. Ao final de cada uma das quatro unidades de estudo, os pequenos grupos eram reunidos em mini-plenários, para apresentação e partilha das reflexões feitas nos pequenos grupos e elaboração de sínteses.

No segundo período (1992 a 1993) as *oficinas* chegaram como uma grande novidade que despertou muito interesse por parte das/os cursistas. Com a mesma organização dos pequenos grupos e de mini-plenários dos anos anteriores, as oficinas foram introduzidas como uma forma alternativa de comunicação dos conteúdos trabalhados.

No terceiro período (1994 a 2007), a partir de uma avaliação dos dois anos anteriores, a *experiência* passou a ser o eixo metodológico e as oficinas passaram a ter “outro lugar” no Curso. Esta experiência, como eixo metodológico, era trazida pelos participantes das comunidades e movimentos de origem, partilhada nos blocos, enriquecida pela contribuição dos assessores, traduzida em forma de arte nas oficinas, celebrada em diferentes momentos, festejada em diferentes espaços para ser levada de volta às comunidades.

O quarto período (2008 até 2011) teve início a partir da avaliação e da prospectiva feita em 2007, num seminário organizado pelo CESEEP para esse fim. Alguns questionamentos eram seguidamente postos pelos

voluntários, especialmente pelos monitores nos momentos de preparação e avaliação ao final de cada Curso. Dentre as questões, a mais constante estava relacionada ao conflito entre a importância dada ao aprofundamento dos conteúdos e a expressão da arte em forma de oficinas.

A arte, nesta proposta, deveria fazer parte do eixo metodológico. Deste modo, ao lado da contribuição teórica e da experiência, o Curso poderia construir a possibilidade de uma nova prática pensada a partir da arte. Esta proposta implicaria em repensar o lugar da arte.

Neste sentido, não houve grandes mudanças. Os espaços de criação, nova nomenclatura dada para as oficinas, foram forjados para ser realmente um espaço em que se pudesse fazer arte, junto com as/os artistas / monitoras/es, a partir do conhecimento destes e das/os participantes, numa perspectiva criadora e parte intrínseca da construção de saberes coletivos.

### *A formação de monitoras/es*

A formação das/os monitoras/es, bem como dos membros das equipes de serviços, tem sido um desafio constante ao longo destes vinte e cinco anos. Atualmente, a coordenação do Curso é formada pelo Coordenador geral do CESEEP, pela Coordenadora do Curso e por duas pessoas voluntárias que fazem parte da Equipe de Metodologia, esta formada por nove monitoras/es, eleitas/os pelos seus pares para um biênio e outras indicadas pela equipe de coordenação, em anos anteriores.

Embora estas equipes tenham a preocupação em oferecer formação a todas/os as/os voluntárias/os, são as/os monitoras/es que exigem uma atenção especial, visto que têm a tarefa de fazer acontecer, na prática, a proposta metodológica.

Esta formação implica numa outra ação, que deve tratar de dois aspectos: o de aprofundamento dos conteúdos a serem trabalhados e a forma com que estes conteúdos serão trabalhados. Além disso, traz um desafio importante que é o de fazer esta formação de forma coerente com a proposta metodológica do próprio, considerar os saberes dos monitores e fazer deste processo formativo um espaço de vivência desta metodologia e da mística que serão depois, vivenciadas também no Curso.

Do ponto de vista da organização, até o ano de 2007 eram realizados três encontros anuais, em finais de semana (sábado e domingo), sendo o primeiro para avaliação e os demais para a preparação teórico-metodológica para o Curso seguinte. A partir de 2008 passaram a ser realizados dois encontros anuais em finais de semana, sendo que o de avaliação é realizado em apenas um dia, imediatamente após o Curso, na PUC-SP. Os encontros são realizados em espaços do próprio CESEEP e/ou cedidos por entidades e instituições parceiras.

Como dito anteriormente, a formação das/os monitoras/es, desde o início, tem se pautado no aprofundamento dos conteúdos de cada ano, mas especialmente, nas questões referentes à metodologia.

Em relação aos conteúdos, tem se oferecido a possibilidade de refletir com algumas/ns assessoras/es do ano seguinte, os conteúdos que serão trabalhados. Isto contribui para o conhecimento do texto pelas/os

monitoras/es com antecedência, mas também para que os assessores possam ouvi-los e, num trabalho conjunto, levantarem questões que as/os ajudem a pensar numa metodologia e linguagem acessíveis às/aos participantes. Ainda sobre os conteúdos, como há sempre monitoras/es novas/os, procura-se manter sempre o estudo sobre os fundamentos e vivência do ecumenismo e a vivência ecumênica.

Sobre a metodologia adotada nos encontros de monitores, a ênfase é dada à metodologia da educação popular, baseada em Paulo Freire. Dentro das estratégias, destaca-se a troca de experiências das/os monitoras/es em cada um dos grupos/blocos/tendas, procurando aprender com o outro e, principalmente, planejar com as diferentes atividades a serem desenvolvidas durante o Curso. Neste sentido, também a avaliação é elaborada em conjunto, pois é entendida como parte do processo metodológico.

Para este trabalho, textos e diversos instrumentos foram e são criados constantemente, numa ação propositiva e provocativa às/aos monitoras/es, que reagem e, quase sempre, os modificam a partir do debate instaurado para esse fim.

### *A avaliação*

A avaliação tem sido realizada em vista dos objetivos gerais, dos objetivos específicos de cada ano e da tomada de decisões para os Cursos seguintes (temas, assessores, organização, infra-estrutura etc.).

A avaliação dos participantes é feita por escrito e dividida em dois momentos: a) individual onde se procura colher uma visão geral do grau de satisfação das/os participantes em relação aos conteúdos, metodologia, vivência nos blocos etc; e b) em grupos: que procura avaliar a contribuição dos conteúdos e da metodologia para o grupo e para a comunidade de origem.

As equipes de serviços, incluindo as/os monitoras/es, também fazem uma avaliação escrita ao final do Curso e o conjunto das avaliações é retomado e qualificado no encontro de avaliação, quando todas as equipes de serviço tomam conhecimento das avaliações dos participantes e retomam a própria avaliação. A avaliação como um todo é feita constantemente e com a participação das/os monitoras/es e dela decorrem as mudanças realizadas ao longo desses vinte e cinco anos.

Nos instrumentos de avaliação procuramos garantir que as questões referentes aos principais eixos estejam presentes, como a vivência ecumênica, a arte, os conteúdos, a mística e a perspectiva da educação popular.

### *Um olhar crítico sobre a metodologia*

A avaliação do Curso de Verão de cada ano traz desafios para a coordenação do Curso e para o CESEEP.

Retomamos alguns elementos que se colocam como desafios a serem enfrentados e, ao mesmo tempo, como motivação para a sua continuidade: coerência entre os princípios da educação popular e a ação pedagógica, construção coletiva de saberes, vivência ecumênica, arte como eixo metodológico, a formação dos monitores, o aumento do público jovem, uso de novas tecnologias e a mística que envolve processos formativos desta natureza.

Manter a coerência do projeto inicial, com suas características e princípios, traz uma responsabilidade grande especialmente no que diz respeito ao discernimento do que se deve manter e o que se deve mudar ao longo do tempo. As mudanças ocorridas ao longo dos vinte e cinco anos foram de ordem estratégica e não de escolha por outra metodologia.

A construção coletiva de saberes está diretamente ligada à questão anterior, ou seja, faz parte do princípio norteador da formação calcada na metodologia da educação popular. No entanto, há que se considerar que vai além dos conteúdos e além de resultados que possam ser mensurados pelo volume de informações acumuladas. A forma de se construir este conhecimento já é, em si, um conteúdo a ser considerado na formação.

A vivência ecumênica no cotidiano do Curso, feita de gestos, de símbolos, de palavras, de ações coletivas e individuais e de respeito ao outro não prescinde do estudo e da pesquisa sobre as diferentes crenças e religiões.

A arte coloca-se como um dos grandes desafios. Mas vale destacar que em todos os momentos de debate sobre a arte no Curso, sempre houve clareza de que a arte está a serviço da processo metodológico baseado na educação popular.

Na formação de monitoras/es, além dos desafios apontados anteriormente, há que se pensar na formação das/os mais jovens. As/os mais jovens que, no momento atual, se colocam à disposição para o trabalho voluntário não fizeram parte do contexto histórico onde o Curso surgiu e, portanto, carecem de uma preparação específica que lhes permita dar continuidade ao trabalho com um mínimo de conhecimento sobre ecumenismo, educação popular e mutirão.

O público jovem tem sido um outro desafio. Embora haja uma boa participação desse público, percebe-se que nem sempre eles têm uma prática pastoral ou social que lhes dê elementos para fazer as diferentes leituras de códigos e símbolos aí presentes. Há que se pensar, dentro da proposta metodológica, em novos caminhos de comunicação mais eficazes para se chegar até eles.

O uso das tecnologias sempre esteve no centro das preocupações da coordenação do Curso. A preocupação com o uso das tecnologias ou novas mídias não se dá apenas pela novidade tecnológica; esta sempre esteve acompanhada de uma reflexão acerca dos conteúdos e da democratização do uso das tecnologias em favor da melhoria da vida das pessoas.

Outro desafio é o de manter a mística que envolve a todos na participação nos momentos de estudo, de celebração, de festa e no compromisso com a transformação social. E este compromisso nos move a continuar com o projeto, buscando sempre em conjunto, respostas para as questões que envolvem a metodologia neste processo de formação de pessoas engajadas em processos de transformação social na perspectiva de construção de um mundo mais justo e mais humano.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

POSSANI, Lourdes de Fátima P. *Currículos emancipatórios para a educação de jovens e adultos na perspectiva das políticas públicas: resistências e esperanças*. Tese de doutorado. São Paulo: PUCP-SP, 2008.

POSSANI, Lourdes de Fátima Pascholetto e SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Formação Ecumênica e Popular feita em mutirão*. Curso de Verão 25 anos. São Paulo: Paulus, 2011.